

Nas trilhas de Lebrão: laços familiares e cadeias migratórias¹

On the trails of Lebrão: family ties and migratory chains

Lená Medeiros de Menezes²

Resumo: No contexto dos processos migratórios e, em particular, da emigração portuguesa para o Brasil, os laços familiares mostram-se importante fator para os deslocamentos. Na verdadeira diáspora portuguesa dos séculos XIX e XX, muitas famílias assistiram seus filhos partirem, em fluxos que desafiaram o tempo. Esse processo possibilitou a formação de elos entre o “lá” e o “cá”, estabelecendo vínculos entre os locais de partida e de chegada. Utilizando o conceito de “cadeia migratória”, este artigo destaca a família Lebrão como objeto de estudo, mapeando os elos que ligaram a aldeia de Sopo – no Minho – a bairros do Rio de Janeiro. Para tanto, analisa as trajetórias de Manuel José Lebrão, que emigrou em finais dos oitocentos, e Alberto Lebrão Cancela, que, cerca de um século depois, seguiu caminhos abertos não só por seu tio famoso, como por outros tios e primos, responsáveis pela transmissão da imagem do Brasil como terra de oportunidades.

Palavras-chave: imigração portuguesa; Rio de Janeiro; laços familiares; cadeias migratórias; famílias Lebrão e Cancela

Abstract: In the context of migration processes and, in particular, the Portuguese emigration to Brazil, family ties show an important factor for the displacements. In the true Portuguese diaspora of the 19th and 20th centuries, many families watch their children leave. This process enabled the formation of links between the “there” and “here”, establishing links between the points of departure and arrival. Using the concept “chain migration”, this article highlights the Lebrão family as an object of study, mapping out the links that connected the village Sopo – Minho – and neighborhoods of Rio de Janeiro. It analyzes the trajectories of Manuel José Lebrão, who emigrated in the late 19th century, and Alberto Lebrão Cancela, who, nearly a century later, followed the tracks open not only by his famous uncle as other uncles and cousins, responsible for the transmission of Brazil’s image as a land of opportunity.

Keywords: Portuguese immigration; Rio de Janeiro; family ties; migratory chains; families Lebrão and Cancel

¹ Este artigo é produto de pesquisa desenvolvida com Bolsa de Produtividade do CNPq e taxas de bancada do Programa Cientista do Nosso Estado.

² Professora titular aposentada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, atualmente pesquisadora visitante; professora do quadro permanente dos Programas de Pós-graduação em História e em Relações Internacionais; coordenadora do Laboratório de Estudos de Imigração (LABIMI). É bolsista de produtividade do Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento (CNPq) e do Programa Cientista do Nosso Estado da Fundação Carlos Chagas de Pesquisa do Rio de Janeiro (FAPERJ). E-mail: lenamenezes@hotmail.com

Alberto Lebrão Cancela chegou ao Rio de Janeiro em agosto de 1961. Faziam, então, oitenta anos do desembarque de seu antepassado mais ilustre: Manoel José Lebrão. Este, por sua vez, seguia caminhos já abertos pelo pai e por um de seus tios; primeiros elos de uma cadeia migratória ou das malhas de uma rede que uniria a freguesia de Sopo (Vila Nova de Cerveira, Minho) a determinados bairros da então cidade-capital³. Suas histórias de vida, para além da singularidade, remetem a processos globais, em especial à tendência dos novos emigrantes deslocarem-se para lugares onde já estavam fixados familiares, vizinhos ou amigos, passíveis de lhes prestar auxílio e/ou lhes dar abrigo, consolidando “pontes” informacionais e afetivas lançadas sobre o Atlântico.

Cadeias migratórias: possibilidades de um conceito

O conceito de cadeia migratória, usado como caminho metodológico neste artigo, não é novo, mas sua funcionalidade se revela sempre que projetamos deslocamentos que se entrelaçam, permitindo uma melhor compreensão de elementos microsociais que compõem os cenários dos deslocamentos, evidenciando, por exemplo, vínculos estabelecidos entre locais de partida e locais de chegada, bem continuidades espaço-temporais nos processos migratórios.

Formulado pela primeira vez na década de 1960, por pesquisadores australianos, o conceito foi inicialmente definido como:

Movimento pelo qual migrantes futuros tomam conhecimento das oportunidades de trabalho existentes, recebem os meios para se deslocar e se alojar e como se empregar inicialmente por meio de suas relações sociais primárias com emigrantes anteriores⁴.

As “relações sociais primárias” que se estabelecem possibilitam, assim, a ocorrência de migrações encadeadas, que dão sentidos de continuidade – por vezes colocados em estado de latência – no direcionamento dos fluxos. A definição dos lugares passíveis de possibilitar a construção de uma nova vida coloca-se, assim, a partir de informações recebidas sobre possibilidades de emprego e propostas de acolhimento e abrigo. Por conta dessas possibilidades, são diminuídos os riscos da empreitada e muitos dos imigrantes que chegam não necessitam do abrigo fornecido pelas hospedarias de imigrantes existentes nos países de chegada. Considerando-se a emigração portuguesa no Rio de Janeiro, por exemplo, isto pode ser comprovado pelo baixo número de indivíduos que passaram pela hospedaria da Ilha das Flores⁵, que não corresponde à sua projeção no conjunto de emigrantes deslocados para a cidade.

Como qualquer outro conceito, o de cadeia migratória ganhou robustez e contornos mais definidos com o passar dos anos, com este ou aquele autor dando relevo a alguns dos aspectos de seu campo semântico. Em tempos mais recentes, a maior contribuição no sentido de uma melhor delimitação do conceito deve-se a Devoto, em seus trabalhos sobre imigração na Argentina. Após distinguir as “migrações em cadeia” de outros

3 Os referidos bairros pertenciam ao ramal da Estrada de Ferro Central do Brasil. O primeiro transformou-se em referência comercial na cidade, atraindo uma pequena classe média, na qual os portugueses se faziam presentes. O bairro adjacente de Maria da Graça, por outro lado, tinha importantes referências fabris.

4 MAC DONALD; MAC DONALD, 1964: 82-96.

5 A hospedaria da Ilha das Flores foi criada no ano de 1883 e foi a primeira hospedaria oficial do país. Por ela passaram milhares de imigrantes, migrantes internos e refugiados entre 1883 e 1962. O Centro de Memória da Imigração da Ilha das Flores, coordenado pelo professor Luís Reznick foi criado através de convênio entre a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e a Marinha do Brasil, sendo responsável por dar visibilidade à história da hospedaria e da imigração na cidade, através do desenvolvimento de projetos de pesquisa, formação de acervo e programa de visitação ao local. Sobre o Centro de Memória, ver <<http://www.hospedariailhadaflores.com.br>>.

tipos de deslocamentos, o autor define as cadeias migratórias um espaço específico de interação, de informação e de oportunidades. Segundo sua análise, a aldeia – enquanto primeiro lugar de referência – transforma-se em espaço privilegiado de transmissão de processos identitários, sobre os quais repousa, em última instância, o processo de escolha e decisão de partir, bem como o deslocamento a ser efetuado⁶.

Muitas são as possibilidades documentais passíveis de serem analisadas na perspectiva dessa metodologia, que relaciona o “lá” (lugar de partida) ao “cá” (lugar de chegada), privilegiando laços e contatos interpessoais e se afastando da visão limitada do *pull-push* tradicional, que enfatizava os aspectos econômicos de expulsão e de atração. Citam-se fontes nominativas como registros de estrangeiros (em especial os instituídos, em 1938, pelo governo Vargas, que se vem constituindo em base de nossas pesquisas) e a emissão ou validação de passaportes. No caso de Portugal, uma menção especial deve ser dada ao banco de dados organizado pelo CEPESE – Centro de Estudos de População, Economia e Sociedade, no contexto do projeto sobre emigração portuguesa para o Brasil, que reúne pedidos de passaportes feitos aos governos civis e que muito tem auxiliado pesquisadores portugueses e brasileiros.

Como exercício exploratório, destacamos, neste artigo, os laços familiares – por nós considerados os mais fortes dentre os laços interpessoais – como eixos da dinâmica de formação dos elos de uma cadeia que uniu a pequena freguesia de Sopo a bairros do Rio de Janeiro, com destaque para Inhaúma e Higienópolis. Servem referência de análise, duas histórias de vida e de deslocamento, ocorridas nos dois principais contextos de imigração no Brasil. O primeiro, o das migrações massivas da virada dos oitocentos para os novecentos; o segundo, o das migrações do pós Segunda Guerra. Para além dos atores que as protagonizam, as referidas histórias introduzem outros personagens na cena, que reforçam as pontes construídas entre Portugal e Brasil, por meio de deslocamentos encadeados.

Manoel Lebrão: referência mítica de sucesso em terras brasileiras⁷

Manoel José Lebrão – o “papai Lebrão” das narrativas de Luís Edmundo⁸ – não foi o pioneiro dentre os “Lebrões” que se deslocaram de Sopo para a cidade do Rio de Janeiro no século XIX. Antes dele, já haviam migrado seu Alberto e um de seus tios, João Soeiro. Foi Manoel Lebrão, entretanto, que ganhou a notoriedade necessária para se tornar um ícone não só para seus familiares como para as terras de Sopo e de Vila Nova de Cerveira e para a história da imigração portuguesa na capital brasileira⁹. Com trabalho, empreendimento e ousadia, associados a um grande lance de sorte, ele se fez-se referência para muitos dos que posteriormente vieram a projetar o Rio como horizonte e projeto de futuro.

Sua notoriedade é comprovada dos dois lados do Atlântico. No Brasil, pela eternização de seu nome em crônicas sobre a cidade, nos empreendimentos que patrocinou e no nome de escola e rua na cidade de Teresópolis. Em Portugal, no busto construído em sua homenagem, que ornamenta uma das praças de Cerveira; nas obras monumentais que financiou e nas referências sobre ele existentes no site oficial de Sopo, onde, após indicações sobre a localização e a história da freguesia, aparecem as seguintes informações:

6 DEVOTO, 2004: 144.

7 Dados biográficos retirados de Antonio Martins Esteves em “festas Concelhias de 1957, disponível em www.museu_emigrantes.org/museu_fr/Manoel_Jose_Lebr%C3%A3o.htm (consult. 17 de abr. 2008 e cedido por Alberto Lebrão Cancela).

8 EDMUNDO, 1967.

9 Caracterização feita por um de seus sobrinhos: Alberto Lebrão Cancela, em entrevista concedida à autora em 5 de agosto de 2012.

Daqui partiu para o Brasil o grande benemérito Manoel José Lebrão, que mais tarde mandou construir o belo hospital da Santa Casa da Misericórdia de Vila Nova de Cerveira, tendo aqui deixado, também, alguns marcos importantes da sua generosidade como é o caso da Torre do Relógio¹⁰.

Filho de pedreiro e de mulher dedicada ao lar e à lavoura, Lebrão, como é conhecido na literatura carioca, nasceu no dia 20 de fevereiro de 1867¹¹. Era o mais velho de cinco filhos e, desde muito pequeno, passou a trabalhar no campo, colaborando para a sobrevivência do grupo familiar, em uma região que vivia da pequena agricultura.

Quando completou 14 anos, como tantos outros meninos, partiu da aldeia de Sopo em direção ao Brasil, embalado pelo sonho de “fazer a vida” em terras brasileiras. Na tomada da decisão, pesou o fato de já haverem familiares seus estabelecidos no país, o que dava a segurança da acolhida e a possibilidade de trabalho imediato. Dessa forma, Lebrão não partiu rumo ao desconhecido, mas para um país sobre o qual se acostumara a ouvir muitas e muitas histórias.

Após viagem em terceira classe, em um dos inúmeros vapores que anualmente cruzavam o Atlântico, desembarcou no porto do Rio de Janeiro. Após sua chegada, porém, o pai voltou para Portugal, deixando-o aos cuidados do tio, que o empregou no estabelecimento comercial de sua propriedade na função de caixeiro, como tantos outros jovens que caracterizavam a paisagem urbana do Rio oitocentista¹².

Com 18 anos, a sorte lhe sorriu, na forma de um bilhete premiado de loteria. Esse lance inesperado – ainda que perseguido¹³ – permitiu-lhe embolsar quantia equivalente a três mil escudos; uma fortuna para a época. Com esse dinheiro, ele voltou vitorioso a Portugal, concretizando o sonho de emigrar, enriquecer e voltar à terra natal. Desentendimentos familiares e a intenção de casar, porém, levaram-no novamente a partir, tendo por destino a Espanha¹⁴: deslocamento comum nas terras do extremo norte de Portugal. A essa partida, transitória, seguiu-se outra, que acabou por ser definitiva, envolvendo, mais uma vez, o Brasil, mais especificamente a cidade do Rio de Janeiro.

O Manoel Lebrão (Fig n.º 1) que reemigrou não era mais um rapaz pobre em busca de oportunidades em terra estrangeira, mas um homem de posses capaz de investir na terra. Os consideráveis recursos de que dispunha permitiram-lhe investir em frutíferos negócios, que lhe permitiram não só tornar-se seu próprio patrão – possibilidade sempre sonhada e presente na mitologia da emigração – como enriquecer ainda mais. Dentre todos os seus empreendimentos, destacou-se aquele que o tornaria para sempre famoso: a abertura da Confeitaria Colombo, no ano de 1894, em parceria inicial com Joaquim Borges Meireles. Tinha ele, então, 27 anos.

10 Informações constantes no site oficial da Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira (www.cm-vncerveira.pt/portal/page/vilanovadecerveira/portal_municipal/municipio/Freguesias/Sopo).

11 Em 1258, Sopo já é citada na lista das igrejas, situadas no território de Entre Lima e Minho, que pertenciam ao bispado de Tui. Neste documento, cujo original se encontra na Torre do Tombo, denomina-se “Zopo”. Em termos administrativos fez parte, em 1839, do concelho de Monção e, em 1852, do de Vila Nova de Cerveira. Por decreto de 12 de julho de 1895, foi anexada ao concelho de Caminha, que extinguiu o de Vila Nova de Cerveira, voltando a este três anos depois, pelo decreto de 13 de janeiro 1898.

12 Sobre caixeiros no Rio de Janeiro, ver MENEZES, 2000.

13 Observe-se que o apostar na loteria (oficial) ou no jogo-do-bicho (colocado na ilegalidade pela República) era um hábito entre as classes populares da cidade do Rio de Janeiro.

14 Os deslocamentos entre o norte de Portugal e a Espanha afetaram muitos trabalhadores. Sobre o tema das migrações peninsulares, ver SARMIENTO, 2006.



Figura n.º 1 – Manoel Lebrão (foto de 1920).

Disponível em: <<http://www.confeitariacolombo.com.br/#historia>> (consult. 8 de mar. 2016).

Primor da opulência e requinte da *Belle Époque* carioca, quando o Rio aspirava por ser Paris, a Colombo¹⁵ tornou-se referência e lugar de encontro na cidade, sendo o espaço privilegiado para o oferecimento de banquetes oficiais a governantes (incluído o rei da Bélgica, em 1922, por ocasião da Exposição Universal que comemorou o centenário da independência do Brasil) e autoridades consulares, como Claude Claudel, ministro das Relações Exteriores da França, em visita feita ao Brasil em 14 de julho de 1918¹⁶.

Possuindo clientela eclética, pelas dependências da confeitaria circulavam políticos, homens abastados e uma boêmia literária que adotou o hábito de se reunir e trocar versos e prosas na confeitaria¹⁷. Ao lado de éclairs e de outras iguarias francesas, o estabelecimento honrava Portugal ao oferecer a seus fregueses, dentre outras especialidades, pastéis de nata e quindins – lembranças da pátria distante –, bem como bolinhos de bacalhau, de carne e, principalmente, as empadas, sobre as quais há relatos memoráveis na obra de cronistas da cidade.

Uma história interessante envolve o relógio do estabelecimento. Este não só cumpria a função de marcar as horas quanto indicava a hora das famílias se retirarem, pois, a partir das cinco horas da tarde, homens enriquecidos passavam a desfilar com suas *cocottes*¹⁸, com o champanhe substituindo o chá e o sorvete. Dessa forma, a Colombo (Figura n.º 2) era lugar de referência para uma clientela não só fiel quanto bastante variada.

15 Sobre a Colombo, ver, dentre outros, LASINHA, 1970.

16 O acervo da confeitaria, depositado em salas privadas do estabelecimento, que resistiu à passagem do tempo, inclui vários convites dos referidos banquetes.

17 A fama da confeitaria era tanta no meio literário que, por um período curto de tempo, em seu espaço funcionou a Academia Brasileira de Letras, fundada por Machado de Assis.

18 Sobre *cocottes* francesas no Rio de Janeiro, ver MENEZES, 2002 e 2015.



Figura n.º 2 – Interior da Confeitaria Colombo (foto de 1919).

Disponível em: <<http://www.confeitariacolombo.com.br/#historia>> (consult. 8 de mar. 2016).

Empreendedor, Lebrão ultrapassou a simples comercialização de produtos, para investir na indústria de doces. Dessa forma, passou a oferecer, ao público, doces em lata, o que lhe valeu o apelido de “Rei das marmeladas”. Ao lembrar e difundir sabores de terras distantes, Manoel José firmou a marca Colombo, para sempre, na história e no espaço comercial da cidade.

Casado com uma brasileira, Elvira Cordeiro Lebrão, Lebrão não teve filhos. Fugindo das terras baixas, do calor e de epidemias, o casal subiu a serra, fixando-se em Teresópolis, onde seu nome até hoje é também lembrado. Como tantos outros portugueses enriquecidos em terras brasileiras, tornou-se filantropo no Brasil e em Portugal. Ainda que tenha vivido até o fim de seus dias no Brasil, visitava frequentemente a terra natal, usando sua fortuna em prol de sua melhoria.

Dentre as muitas obras que financiou, destacaram-se a restauração da igreja de Sopo e das residências paroquiais, a abertura de um ramal de estrada para facilitação do acesso à aldeia, a construção de sete fontanários, a edificação de torre com relógio, a abertura de minas nas encostas do monte Pena e aquele que é o registro maior de sua benemerência: a construção do hospital de Vila Nova de Cerveira (Fig. n.º 3).



Figura n.º 3 – Hospital de Vila Nova de Cerveira.

Disponível em www.clipovoa.pt (consult. 8 de mar. 2016).

Sobre as características pessoais de Lebrão, Luís Edmundo¹⁹ imortalizou seu bom nome junto às rodas intelectuais e à sociedade em geral, tornando-o protagonista de muitas das histórias por ele contadas. A mais famosa delas narra que, diariamente, antes que a confeitaria fechasse as portas, populares faziam fila para receber “as sobras do empadário”, destinadas a “alimentar o estômago da pobreza envergonhada”: “homens de ar melancólico /.../, mulheres de mantilha, crianças pálidas que choramingavam, todos eles à espera dos embrulhos de pasteleria ou doce que vão ser distribuídos como se fossem níqueis”²⁰. Segundo o mesmo autor:

Lebrão /.../ foi o homem que, desde o começo do negócio, teve o grande contato com os fregueses. “Pai da roda” como lhe chamam. “Papai Lebrão”... Seus filhos escrevem, todos, nos jornais... Lebrão fia. Lebrão esquece as dívidas. Lebrão serve doses duplas por doses simples aos diletos filhos das suas entranhas espirituais... Lebrão é inteligente, e até parece que, lendo a Bíblia, não se esqueceu da história amável de certo prato de lentilhas... Integram-no à família literária. Guimarães Passos quando bebe demais, beija-o na testa e chama-o de “meu pai”. E como pai é por todos querido, festejado e defendido²¹.

19 Declaradamente francófilo, Luís Edmundo foi um apologistas da obras do prefeito Pereira Passos, inspiradas na Paris de Haussman. Atento à modernização do Rio de Janeiro mostrava-se crítico feroz do armazém de secos e molhados de características portuguesas, contrapondo-o aos estabelecimentos. A respeito de Manoel Lebrão, a quem admirava, nunca teve qualquer atitude discriminatória, em um tempo no qual o antilusitanismo grassava. Ver EDMUNDO, 1967.

20 EDMUNDO, 1967: 599.

21 EDMUNDO, 1967: 596

Essas suas características pessoais, que o faziam amado por todos, são também lembradas por Lasina, que destaca que Lebrão sabia respeitar os direitos dos empregados, a quem não via como “subalternos”, com a “a divisão dos lucros [sendo-lhe] ponto de honra”, já que “seu uso era pagar aos auxiliares esse salário extra”, adotando, ainda, o costume de lhes dar férias²².

Manoel José Lebrão morreu no Rio de Janeiro no dia 27 de abril de 1933, quando contava 66 anos. Segundo seus biógrafos, além da herança deixada para sobrinhos e afilhados, legou parte desta para cada empregado da *Fábrica e Estamparia Colombo* que, na data de seu falecimento, contasse mais de dois anos de serviço. Para a Junta da Freguesia de Sopo – sempre no rol de suas preocupações – deixou recursos a serem aplicados na aquisição de títulos da Dívida Pública Portuguesa, averbados com a cláusula de inalienabilidade, contemplando, ainda, “diversas instituições de caridade localizadas na cidade do Rio de Janeiro”, cidade que lhe possibilitou acesso à fortuna e à imortalidade²³.

Alberto Lebrão Cancela nas trilhas abertas por seus antepassados

Lebrão ficou imortalizado como figura singular, mas ele não foi, de forma alguma, o único Lebrão a viver na cidade do Rio de Janeiro. Depois dele, vários outros familiares migraram, buscando seguir seus passos de sucesso. Um deles foi Alberto Augusto Lebrão Pinto Cancela²⁴, que une, em seu nome, duas famílias de emigrados, originárias da mesma freguesia de Sopo: os Lebrão (pelo lado do pai) e os Cancela (pelo lado da mãe).

Lebrões e Cancelas descreveram, assim, histórias entrelaçadas. Ainda que Manoel Lebrão tenha se tornado a principal referência para aqueles que partiam de Sopo, o avô materno de Alberto foi também exemplo para filhos e netos que seguiram seus passos.

Ao avô materno, Manoel, seguiram-se quatro de seus tios: Manoel (que se tornou dono de botequim no bairro de Bonsucesso); Luiz (que se tornou dono de loja de filtros no centro da cidade); Amadeu (que trabalhava em construção civil) e José (que o receberia em sua casa quando chegou ao Brasil). Isso sem mencionar primos e, por curto espaço de tempo (anos 1970), sua mãe, Maria da Conceição, sua irmã e seu cunhado.

Natural de Sopo, Alberto (Fig. n.º 4) cresceu em Caminha, na foz do Minho. Seu primeiro emprego, com 14 anos, foi o de aprendiz de serralheiro. Mais velho, por iniciativa da mãe, foi matriculado no navio-escola *Fragata Dom Fernando e Glória*, ancorado no Tejo, onde passou por quatro anos de aprendizagem. Foi esta a única vez em que se afastou de casa antes de partir para o Brasil, em 23 de agosto de 1961, quando tinha 18 anos incompletos.

22 LASINHA, 1970: 12.

23 Dentre elas, a Santa Casa da Misericórdia, a Real e Benemérita Sociedade Portuguesa de Beneficência, o Asilo São Luís para a Velhice Desamparada, a Obra de Assistência aos Portugueses Desamparados, a Casa dos Expostos, o Preventório Dra Amélia, a Liga Brasileira contra a Tuberculose, a Real e Benemérita Caixa de Socorro D. Pedro V, o Abrigo Teresinha de Jesus, a Associação Cristã dos Moços, o Hospital Pró-Mater, a Casa do Bom Pastor, a Casa da Infância e o Asilo N. S. da Pompéia, do Internato de Menores (ESTEVES, 1957).

24 Até o momento em que entrevistamos Alberto Lebrão Cancela, em agosto de 2012, não conhecíamos seu nome completo e não tínhamos a menor ideia de suas relações com o famoso proprietário da Colombo. Foi no decorrer da entrevista que tomamos conhecimento desses laços, sendo do depoente a iniciativa de nos fornecer informações sobre o tio famoso, reportando-se, assim, aos deslocamentos que, em longa duração, foram efetuados a partir de Sopo com destino à capital brasileira.



Figura n.º 4 – Alberto Lebrão Cancela junto ao busto de Manoel Lebrão (2015) em Vila Nova de Cerveira.

Cópia digitalizada cedida pela família e incorporada ao acervo da autora.

Partiu sozinho de Portugal, motivado por histórias que ouvia contar desde pequeno, sentindo-se na obrigação de traçar caminhos de sucesso, como ocorrera com outros membros da família. As histórias que ouvira contar pareciam demonstrar que o Brasil era “um país de oportunidades e quem queria trabalhar poderia depender apenas de si mesmo para progredir na vida”²⁵. Sua viagem em direção ao Rio de Janeiro deu-se como resposta ao convite feito pelo tio José que, em uma visita à casa da mãe, oferecera ajuda para completar sua formação no Brasil, comprometendo-se a recebê-lo em sua casa e a empregá-lo. Para o convencimento da mãe – que nunca havia pensado na alternativa da emigração – colaborou a possibilidade dele ter que servir na África e se envolver nas guerras coloniais, pois estava na Escola de Marinha e perto de completar os dezoito anos, o que fez por desejar que o filho “tivesse outro destino”²⁶.

Segundo Alberto recorda, com emoção, o momento mais difícil da aventura que se iniciava quando deixou Caminha, foi a despedida da mãe, seguindo-se o adeus ao tio que o fora levar à estação do trem em Viana do Castelo. À medida que o trem se distanciava a caminho de Lisboa, onde ele embarcaria, ele deixava para trás tudo aquilo que conhecia e amava, levando na bagagem, além da roupa e outros pertences, sua força de trabalho, seus sonhos e saudades antecipadas. Partiu com a esperança de se tornar um homem independente financeiramente – quem sabe obtendo sucesso comparável ao tio Lebrão – para, então, poder voltar em definitivo para Caminha. Esse esperado retorno, por diversos motivos, nunca aconteceu.

²⁵ Depoimento prestado por Alberto Augusto Lebrão Pinto Cancela, em entrevista concedida à autora em 6 de agosto de 2012, com a ajuda da esposa, Mércia Cabral de Oliveira.

²⁶ Informações encaminhadas por e-mail por Mércia Cabral de Oliveira (esposa de Alberto), em 22 de agosto de 2016, em complemento ao depoimento prestado em 6 de agosto de 2012.

Sua chegada ao Rio de Janeiro deu-se às oito horas da noite e, apesar de estar atendendo ao chamado do tio, ninguém o esperava no aeroporto. Sozinho e triste tomou um taxi e seguiu para o subúrbio de Higienópolis, onde o referido tio morava. A primeira visão da casa que o acolhia foi positiva: “Era uma casa de dois andares e um belo jardim de frente”. O encontro com os familiares estendeu-se até uma hora da madrugada, com a distribuição dos presentes que ele trouxera na bagagem: “chouriças e feijão branco”. Naquela casa de dois andares ele morou até casar, apesar de nem tudo ter sido “um mar de felicidade”, pois esteve sempre sujeito às brincadeiras maldosas dos primos, o que o magoava muito.

Sua vida no Brasil, entretanto, foi, inicialmente, muito difícil. A promessa de trabalhar na fábrica de filtros do tio, por exemplo, nunca se concretizou. Seu primeiro emprego acabou sendo o de ajudante de estoque em um conhecido estabelecimento de venda de papéis e vidros; por coincidência, muito próximo à Confeitaria Colombo de tantas referências familiares. Como provento inicial recebia meio salário mínimo, pois quando se empregou ainda era menor. Sua timidez, sotaque e modo de ser custaram-lhe, também na papelaria, alguns dissabores, que lhe demonstraram haver discriminação no Brasil, onde os portugueses eram alvos de brincadeiras de mau gosto e personagens em muitas piadas. Ao emprego de auxiliar de estoque, seguiram-se os de escriturário, vendedor, supervisor e gerente de diversas empresas, onde aprimorou seus conhecimentos comerciais. Finalmente, abriu seu próprio negócio, uma firma de distribuição de produtos para supermercados, transformando, assim, em realidade, um sonho comum aos portugueses fixados em áreas urbanas.

As dificuldades que Alberto enfrentou no Brasil, ele sempre escondeu da mãe e dos familiares, pois acreditava que dele esperavam o mesmo sucesso dos que o haviam precedido, ao passo que se sentia completamente à margem do protótipo do imigrante português que alimentava a mitologia da emigração. Para não “inventar história ou que tivessem pena dele”, deixou de escrever para Portugal e, assim, afastou-se, por um tempo considerável, de seus entes queridos e de sua terra natal, embora a saudade tivesse se tornado uma companheira permanente:

Tenho saudades da liberdade e da alegria de viver numa terra onde todos me conheciam, pela alegria inerente a uma pessoa feliz. Tenho saudades dos caminhos que me levavam a Portela, onde minha mãe trabalhava. Tenho saudades da paisagem de Caminha, das consoadas de Natal. Tenho saudades das vindimas, das desfolhadas. Das férias na Quinta da Portela. Da liberdade de subir nas árvores [...]. Enfim, de uma vida intensa e despreocupada. A pescaria de barco com o avô. O carro dos bombeiros, minha primeira paixão²⁷.

Com relação ao Brasil, seu sentimento sempre foi o de reconhecimento e gratidão. Afinal, em seus mais de 70 anos de vida, 54 foram vividos no Brasil, onde ele completou sua formação educacional, constituiu família, viveu a experiência do divórcio e de um novo casamento e adquiriu experiência comercial, tornando-se um dentre tantos portugueses empresários.

Devo ao Brasil toda a minha formação profissional, intelectual [...]. Hoje quando visito os parentes em Portugal, sinto uma ascendência intensa e significativa no campo de conhecimentos, principalmente no que tange a relações humanas, do que aprendi no Brasil e na minha experiência de imigrar, em comparação aos que lá ficaram.

Entre o “lá” (Portugal) e o “cá” (Brasil), as histórias de Manoel Lebrão e de Alberto Lebrão Cancela podem ser consideradas casos exemplares para vários processos vividos no contexto migratório. Para além dos deslocamentos em cadeia, tendo em vista que o depoimento de Alberto remete à emigração, pelo menos, de mais dezassete de seus familiares, deve ser dado destaque às formas pelas quais tanto Manoel e Alberto quanto vários outros familiares construíram suas novas vidas no Rio de Janeiro apostando no comércio como possibilidade de sucesso.

À guisa de conclusão

As histórias de vida acima narradas, para além de demonstrarem as formas pelas quais cadeias migratórias são estruturadas, com base em relações famílias, indicam casos particulares que remetem a processos coletivos. Apontam, ainda, como a história oral recoloca o homem comum no centro da cena, dando-lhe o protagonismo que lhe é devido no contexto das migrações, remetendo às palavras de Febvre ao dizer que “não há história a não ser a do Homem”²⁸. E mais, permitem desvelar algumas facetas microsociais e microculturais dos processos migratórios. Ainda que única, cada uma das duas histórias exemplares apresentadas implica expressivas regularidades, remetendo a tantas outras histórias e experiências, orientadas por sonhos, escolhas e projetos similares.

Colocar o homem no centro das discussões nos estudos migratórios, libertando-o da invisibilidade imposta pelas abordagens macro significa, também, dar atenção às relações que cada e/ímigrante trava com outros homens ou mulheres, na busca por informações sobre possíveis lugares de chegada, bem como na vida que ele reinventa em terra estrangeira. É dessa forma que migrações encadeadas acontecem, caracterizadas pela partida de novos emigrantes em direção a lugares onde já estão estabelecidos seus familiares, vizinhos ou, simplesmente, patrícios. Em última instância, uma forma menos traumática de enfrentar o desconhecido e minimizar inevitáveis estranhamentos.

Bibliografia

- DEVOTO, Fernando, 2004 – *Historia de la inmigración en la Argentina*. Buenos Aires: Sudamericana.
- EDMUNDO, Luís, 1967 – *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Rio de Janeiro: Conquista.
- ESTEVES, Antonio Martins, 1957 – *Festas Concelhias*. Vila Nova de Cerveira: s. n.
- FEBVRE, Lucien, 1977 – *Combates pela História I*. Lisboa: Presença.
- LASINHA, Luís Carlos, 1970 – *A Colombo na vida do Rio*. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica Editora.
- MAC DONALD, J. S.; MAC DONALD, L., 1964 – “Chain Migration, Ethnic Neighborhood Formation and Social Networks”. *The Milbank Memorial Fund Quaterly*. Buenos Aires, XLII, 1, p. 82-96.
- MENEZES, Lená M. de, 2015 – “Das modistas francesas ao demi-monde tropical. Reflexões sobre práticas e representações na capital brasileira”, in MATOS, Maria Izilda de; CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho (org.) – *Cultura, corpo e educação. Diálogos de gênero*. São Paulo/Teresina: Entremeios/EDULFI.
- MENEZES, Lená Medeiros de, 2002 – *Os estrangeiros e o comércio do prazer nas ruas do Rio (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional.
- MENEZES, Lená Medeiros de, 2000 – “Jovens portugueses: histórias de trabalho, histórias de sucessos, histórias de fracassos”, in GOMES, Ângela de Castro (org.) – *Histórias de imigrantes e de imigração no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7 Letras.
- SARMIENTO, Erica, 2006 – *Galegos no Rio de Janeiro*. Santiago de Compostela. (Tese de Doutorado apresentada à Universidade de Santiago de Compostela)